

Tribuna de Coimbra • Abrigo Vicentino PADRE AMÉRICO

Foi muito quente de entusiasmo e esperança a reunião dos Vicentinos mais responsáveis de Coimbra. O tema foi a construção do «Abrigo Vicentino Padre Américo». Tema necessariamente quente pelo frio e desconforto daqueles que o hão-de habitar: os sem abrigo.

É trabalho urgente e já há meses que anda na boca e no coração de muita gente. Aproxima-se o Inverno e não podemos estar tranquilos enquanto os quarenta irmãos dormirem as noites em cima de bancos, em carros abandonados ou

vãos de portas, nesta nossa cidade.

Pelos contactos destes Vicentinos, os responsáveis pela vida pública mostraram-se também inquietos e prometeram colaborar cada um na sua esfera de acção. É necessário quem uma esforços e a obra irá. A força do irmão caído é a grande força.

A Câmara Municipal prometeu terreno e outras coisas. O Comando da Polícia levará os desabrigados ao Abrigo. Um construtor já ofereceu a sua ajuda. Um casal prontificou-se a servir na casa. Há muitas

mãos levantadas. O dinheiro virá na medida em que for necessário. Não se pode perder tempo!

Cada um havia de ouvir o rapaz que me procurou hoje. Pareceu-me sincero e humilde. Identificou-se. Tem 25 anos. É solteiro. Depois da tropa já passou três anos na prisão. A mãe faleceu e a família não o aceita pelo mal que tem feito. Conseguiu trabalho num construtor, mas não tem onde ficar nestes primeiros dias. Disse que se queria libertar de certos males. Prometi ajuda. Agradeceu e despediu-se mais animado.

Fiquei a olhá-lo, ladeira acima. Com 25 anos e já carregado de prisão e de defeitos. Abandonado e sem futuro certo. Triste e com alguma esperança no dia de amanhã. Que contraste de vida! Que pena



Não podemos estar tranquilos enquanto houver Pobres a dormir em cima de bancos, em carros abandonados, em vãos de portas...!

não haver já um Abrigo para acolher este e outros que andam por aí!

Os Vicentinos pediram para fazer um apelo a quem tiver uma casa livre e a queira ceder até que a casa nova esteja pronta. É necessário abri-

gar já os desabrigados! Estamos em vésperas de Natal. Que bem se oferecêssemos a Jesus-Menino um Abrigo para os Seus irmãos desabrigados! Que prenda linda de Natal! Quem a quer oferecer?

Padre Horácio

Notas da Quinzena

Ontem, de manhã, à hora do pequeno-almoço, um senhor bateu à porta e entrou.

— **Dê-me só uns minutos,** disse.

Pedi licença para esvaziar a chávena do café com leite que ia a meio, e fui atendê-lo.

Na sala dos «cicerones» havia muito reboliço, com gente de todos os lados, de passagem para os restos da festa de S. Simão.

— **Vamos para um cantinho,** que minha esposa quer falar-lhe.

Percebi que se tratava de assunto importante. As grandes decisões na vida passam por espaços de silêncio. Af nascem, amadurecem e actuam.

— **Vamos para um cantinho.**

Porquê tantos desequilíbrios sociais e outros? Tenho ouvido dizer que os consultórios de psiquiatria nunca foram tão frequentados como agora. Também os lugares de jogo, onde se gasta mal o dinheiro e a saúde, e outros a que não sei dar o nome, vivem desafogadamente e multiplicam-se. Muito dinheiro e muita miséria. Desequilíbrio que gera outros desequilíbrios.

Que fazer? Recolher-se num cantinho, de vez em quando, faz falta. No silêncio escutamos a voz da consciência que julga a vida que levamos. E acorda-nos para o que é verdadeiramente importante.

— **Vamos para um cantinho.**

E fomos, para que ninguém desse conta e ficasse no silêncio. Sem tirar os olhos dos meus olhos, mete a mão ao bolso da saia comprida de mulher do povo e tira um envelope.

— **É o meu ordenado do mês. Estava desempregada e arranjei trabalho. Trago-vos o primeiro ordenado.**

O marido estava ao lado. Não perdia o mínimo pormenor. Acenava com a cabeça a concordar.

Onde estão os grandes do mundo? Onde os vamos encontrar? Temos recebido quantias avultadas. Havemos de continuar a recebê-las. Mas não tive coragem de contar o que vinha dentro do envelope que esta mulher depôs em minhas mãos. Estas dádivas não têm conta

Cont. na 3.ª pág.

As peregrinações à Casa do Gaiato foram acontecimentos dignos de nota, neste Ano Centenário.

As peregrinações vêm de longe. Os de perto não peregrinam. Estão.

Se é verdade que, à volta da nossa Casa, são muitos os amigos devotados e são os que nos conhecem melhor — também é certo que a multidão dos indiferentes é incontável e a dos inimigos numerosa.

Quis passar, neste ano, pelos púlpitos católicos da cidade de Setúbal e falar dos Pobres. Denunciar, à luz do Evangelho, tanta instalação, tanta fé sem obras, tanto enrodilhar de acções que a nada conduzem senão à perda de tempo e consequente frustração. Dizer aos cristãos que não basta a esmola. É necessário o tempo, a disponibilidade, a vida. São precisas muitas vidas imoladas pela promoção dos Pobres e abandonados.

Muitos pagãos oferecem a sua esmola. Aos cristãos exige-se mais: Vida, sofrimento, lágrimas, comunhão com a dor, a miséria e o pecado. Pôr os Pobres às nossas costas e levar com eles a sua cruz, fazendo dela, a nossa. É urgente crescer na aflição como fez o Padre

SETÚBAL

Américo, sem nunca se cansar na busca permanente e no encontro de soluções para os seus múltiplos problemas.

Os templos estão meios vazios. Há tanta gente desanimada!

Uma série de peregrinações veio do Algarve. A última, da Mexilhoeira Grande.

O Pároco, um discípulo novo de Santo Inácio, preparou a comunidade, ao longo de meses, com pregações, escritos e reflexões, utilizando os livros do Padre Américo e a divulgação d'O GAIATO. É seu intuito evangelizar. Não somente fazer prosélitos. A pregação do Reino de Deus encontrou nos escritos do fundador da Obra da Rua um filão enorme de casos iluminados, capazes de gerar luz para os problemas da comunidade humana onde se insere o pequenino grupo de cristãos de que ele é pastor.

Os Pobres — os velhos, desprezados pela família, as crianças e os jovens — são a preo-

cupação dominante deste sacerdote. Quer utilizá-los como preciosíssimos instrumentos da sua acção pastoral.

Ensinar é bom, mas fazer é muito melhor. Pôr os jovens a trabalhar é indicar-lhes o caminho das Bem-aventuranças!

Na noite de 23 de Outubro fizeram uma vigília de oração e reflexão, tendo como guia o Criador das Casas do Gaiato. No domingo seguinte, às 6,30 h da manhã, ei-los em autocarro a caminho deste «Santuário de Almas» para sentirem ao vivo a Obra da Rua e participarem na Eucaristia com os gaiatos. O tema homilético foi o das dez virgens. Cinco prudentes e cinco insensatas. Todas ao encontro do Esposo! Com a mesma Esperança! As insensatas não levaram o azeite das Obras de Misericórdia. Os velhinhos da sua terra, os Pobres da sua aldeia e as crianças do seu bairro ficaram

Cont. na 3.ª pág.

Novos Assinantes de «O GAIATO»

Uma pequena multidão!

Já dobrámos o cabo dos 45.000 e vamos a caminho dos 50.000 assinantes, com uma tiragem muito perto dos 70.000 exemplares. Quem havia de dizer?!

Recordamos os olhos, a face de Pai Américo naquele tempo, espelho da sua alma e coração, expressando fervor pela expansão d'O GAIATO em «mares nunca dantes navegados». Tinha o Famoso no sangue, corria-lhe nas veias, como diário da sua vida de Padre da Rua — Recoveiro dos Pobres.

Graças a Deus pela revolução que o pequenino Desordeiro continua a produzir em todo o mundo.

Ficamos prostrados frente às almas que todos os dias se inscrevem como assinantes; e outras que chegam, eufóricas, com deles angariados em todo o lado, até à mesa do café, em horas de lazer!

Cresce a difusão d'O GAIATO entre os familiares dos leitores, numa acção permanente!

Assinante 6803:

«Envio o nome de duas filhas, ambas professoras, para quem peço o envio do jornal, considerando-as já assinantes. Tenho acompanhado sempre

a Obra da Rua através do Famoso, ao longo de anos árduos em que me dediquei à tarefa de criar e educar, juntamente com o meu marido, os quatro filhos que temos.

Prometo, para breve, a assinatura do mais velho.»

Assinante 35889:

«Gosto muito d'O GAIATO e seria bom que mais gente o lesse para conhecer a grande alma do Padre Américo e a sua Obra.

Tive o prazer de visitar uma das vossas Casas, que me sensibilizou bastante. Por isso, é

com muita alegria que mando os nomes de três novas assinantes — e o da minha filha.»

Leiria:

«Neste ano do Centenário do Padre Américo, venho pedir para considerarem minha mãe como assinante d'O GAIATO, de modo a receber o jornal em casa, pois agora está sozinha.

Junto um cheque, uma gota de água no oceano de necessidades. Mas o Pai do Céu é rico em Misericórdia e não faltará nunca.

Que Ele nos ajude sempre e Nossa Senhora seja a Mãe carinhosa a dar ânimo para prosseguirmos na caminhada.»

Centenário do Pai Américo

No próximo dia 8 de Dezembro, dia da Imaculada Conceição, a Vigararia de Loures celebra o Centenário do Pai Américo, sob a presidência do Senhor D. José Policarpo, na nossa Casa do Gaiato do Tojal, com o seguinte programa:

14 h, chegada e acolhimento;

15 h, sessão solene com uma intervenção de fundo do Senhor Bispo, sob o tema: «Serviço da Igreja e Caridade»;

16 h, Missa.

Todos são convidados, em particular os mais responsáveis pelos Movimentos e Obras da Vigararia.

— Padre Luiz

Lembranças

Temos um diaporama com finalidades catequísticas e pastorais à disposição de Paróquias e Associações, no qual se retrata a figura de Pai Américo em corpo inteiro, cuja voz está presente.

Editado pela Obra da Rua, foi realizado na Logomédia por especialistas neste género de trabalho: Padre Vilas Boas e Dr. Capucho. Locução do Padre Rego, com a colaboração do actor Rui de Carvalho.

Disponos, também, de medalhas comemorativas do Centenário do Pai Américo, cunhadas em dois formatos.

Podem fazer encomendas, de medalhas e diaporamas, através das Casas do Gaiato: 2900 Setúbal; Santo António do Tojal — 2670 Loures; 3220 Miranda do Corvo; Beire — 4580 Paredes; Paço de Sousa — 4560 Penafiel.

Lar de S. Domingos

LAMEGO

A mãe do Ricardo e do António continua doente. É mal que vai, por certo, acompanhá-la toda a vida. Há dias, um amigo deu esperança dela ser vista por um bom especialista de doenças nervosas. Foi dizendo que não seria para curar, mas aliviar um pouco.

Os membros daquela família estão dispersos por força das circunstâncias; todavia, vivem unidos por constantes notícias e alguns encontros.

Num domingo cheio de sol, pedimos à encarregada do Lar

de S. Domingos que nos preparasse uma merenda para visitar a doente e a filha que vivem na mesma casa. Levei os dois que tenho aqui. Outros quiseram ir. Tínhamos avisado a hora da chegada para evitar comoções fortes que poderiam prejudicar. Aconteceu o que o coração adivinhava. As lágrimas não se fizeram rogadas em todos os olhos que obser-

vavam os abraços e carinhos entre mãe e filhos. Uma hora grande de amor! Conversas, perguntas e respostas, afagos e aconchegos de roupas, medidas tiradas com os olhos e com as mãos e «vós estais tão lindos!...» Foi a «música do coração» que se ouviu naquela tarde.

A hora do comer tudo subiu ao rubro, quando o Ricardo, só com dois anos, apanhou um cacho de uvas e começou a arrancar bago por bago e a metê-los na boca da mãe! Nessa altura acabou tudo, fez-se silêncio com os lábios e falaram os olhos com as lágrimas. Há tesouros escondidos no coração dos Pobres! A fome, a doença ou o não dar atenção aos que padecem necessidades, não deixa ver belezas como esta. Temos de louvar o Senhor por tudo, muito particularmente por aqueles que sabem repartir com os irmãos e ajudar a correr sangue novo em famílias destruídas.

Pela doença nervosa, ela tinha a cabeça em posição incerta e o Ricardo errava muitas vezes os bagos na boca da mãe. Mãos carinhosas que pelo arranjo, limpeza, bondade, por cuidados prestados, já conseguiram uma grande percentagem de melhoras, ajudavam aquela tarefa amorosa que dava alegria aos presentes e particularmente à mãe e ao pequenino.

Foi, na verdade, uma hora sem igual, a compensar muitos sacrifícios. Esperamos, em breve, outro encontro. O tempo, os afazeres e algumas despesas fora do orçamento diário (tem de ser tudo muito controlado...) impedem que as visitas sejam mais frequentes. Reconhecemos, porém, que se impõem para não esmorecerem os laços familiares.

Padre Duarte

Padre Acílio

SETÚBAL

Cont. da 1.ª pág.

esquecidas. Só a lâmpada não chega! Não alumia os outros! O noivo não as viu! E... ficaram de fora.

O Padre Américo fez da sua fé uma experiência quotidiana. É urgente que os jovens façam a mesma experiência e verifiquem, pela alegria espontânea que brota irresistivelmente da fidelidade ao Evangelho, que a fé não é vã.

Acreditar é viver. Viver é ser feliz, numa ansia inquietante de responder a todos os desafios lançados pela comunidade humana próxima de nós. Um coração puro! Uma alma aberta! Um desassossego interior! Uma confiança ilimitada! Uma doação plena! Azeite de primeira qualidade!...

O jovem sacerdote celebrou connosco, embevecido. O seu entusiasmo era escaldante. A

Foi numa tarde bonita deste Verão de S. Martinho. Um casal modesto aproxima-se e pede que rezemos por um filho que veio há pouco da tropa e trouxe de lá o gosto de beber. «Ele é tão bom e foi sempre tão ajuizado!... Não é que beba até cair — esclarece a mãe; mas aparece-nos, às vezes, um bocadinho alegre e essa alegria entristece-nos.» Não é a alegria do filho que entristece os pais; é essa. O marido pede também orações pela saúde da esposa. E na verdade vê-se-lhe na cara que a saúde não é famosa.

Ficámos a conversar um pouco. O chefe da família é mineiro no Pejão. Lançaram-se na construção de uma casa, mas até o terreno tiveram de comprar, apesar da mulher ser filha única e do pai dela ter terras. A casinha já tem as duas placas e o problema agora é cobri-la.

Digo-lhes do «pequeno auxílio» que costumamos dar, justamente a título do telhado; e, informado de que a construção obedece às condições exigidas para tal auxílio, sugiro que falem ao Pároco e este formalizará o pedido, conforme a regra do nosso proceder.

«Nós já sabíamos — me responde o homem. Mas como a minha mulher há-de receber um dia o que é do pai, custamos a tirar a vez a outro que precise mais.»

E com este escrúpulo preferem vencer, à custa de muitos sacrifícios, as dificuldades do presente, com vista nos outros que as têm agora e as terão sempre. Que linda lição dada por pequenos a tantos que se julgam grandes e constroem a sua grandeza, fechados em egoísmo e chegando a atropelar

AGORA

lar os que julgam estorvar-lhes o caminho!

Na minha mente ecoava a voz de Pai Américo: «É deste Pobre honrado que eu me ocupo...» Sim, é dele e por ele que há trinta e muitos anos esta coluna ocupa as páginas d'O GALATO, sem deixar jamais de ser agora, sem provocar cansaço ou o pensamento de que «já basta» em tantos que nela comparêem desde a primeira hora.

São desta estirpe: MM-AL, do Porto; M. Pereira, de Lisboa; os que não desistem da «Casa do Licenciado»; M. M., do Porto, que «em mais um passo para a Casa da Paz, fica em 590 contos»; e a da Casa Seja Louvado N. S. Jesus Cristo com a sua «renda» mensal de vinte contos; e a «Senhora das Rosas», com o produto do seu roseiral, desta vez cem contos; e um contabilista de Leiria que fecha as suas contas todos os meses, tal como a Lígia, de Fiães; e o mealheiro no Teatro Sá da Bandeira, com mais de centena e meia nos derradeiros meses; e a Dr.ª Felicidade com um «obrigado pelo envio d'O GALATO que nos ajuda a trabalhar e a rezar»; e M. L. com a sua remessa e o «muito obrigado pelo destino que lhe derem»; e M. Augusta com quinze mil e este desabafo: «Todas as vossas obras são belas e merecedoras, mas esta (a Autocons-

trução) me choca sempre mais porque possuo uma bela casa que não mereço e para a qual nada contribuí».

Meu Deus, como é verdadeiro o amor que não se esgota e desta espécie é o desses que aí vão e de tantos outros que agora não aparecem!

Mas são muitos os que surgem por isto ou por aquilo, com um calor e uma oportunidade que nunca deixou apagar esta fogueira. É o Joaquim Manuel, de Paços de Ferreira. De Lisboa, mil no Franco Grávido, dez vezes mais de Belmirá e outro tanto dos Doentes de Oncologia. O sofrimento desperta o sentido da fraternidade!

Ainda de Lisboa: cheque de quinze mil da assinante 16305, «com todo o amor de que sou capaz, para umas telhinhas dos Autoconstrutores»; e outro, de oito mil, da assinante 14951; mais dez no Montepio Geral; e outro tanto de Moscavide, «pouca coisa, mas dado com muito amor e fruto de trabalhos manuais de uma pobre para os Pobres».

Da Associação dos Antigos Funcionários da Hi-Douro, o que eles chamam o seu «canto do cisne»: cheque de 24.382\$.

Agora é Londres. De uma senhora que daquela capital partiu para o Pai, o que ela economizou para publicação de um livro, fruto da sua «contemplação»: 1020 libras. Que

o prémio da renúncia ao seu sonho seja a contemplação no Céu.

Um Pároco celebrou os seus 50 anos de sacerdócio e entendeu que a melhor comemoração era repartir já as suas economias. Aos Autoconstrutores coube cem contos.

Mais três mil da Póvoa de

Varzim e «a minha mágoa é amar-vos tanto e não poder dar nada a não ser as minhas pobres orações. Orações que intensificarei neste ano do Centenário do Pai Américo cujas comemorações tenho acompanhado com muita emoção».

Eis o óbulo de quem escolheu a melhor parte. Não é o que se dá o que mais importa, mas a alma que dá vida à oferta. Mágoa?... Não há razão para ela! Aquilo que não pode a bolsa, pode o coração. Por isso o Senhor canonizou a viúva que tendo dado a mais pequenina moeda, «foi a que deu mais».

Padre Carlos

CADA FREGUESIA CUIDE DOS SEUS POBRES

A grande e a pequena Imprensa portuguesa têm marcado nas suas páginas, com mais ou menos relevo, o Centenário do Pai Américo.

Contudo, o mais importante são os caminhos que se abrem às comunidades cristãs, aos homens de boa vontade — na peugada de Pai Américo.

Eis um exemplo, muito concreto, que recortamos, com a devida vénia, do Jornal da Beira (Viseu), edição de 19 de Novembro. Tem por título — OS POBRES! ONDE ESTÃO? É PRECISO PROCURÁ-LOS.

«Neste Centenário do nascimento do Padre Américo faz bem a todos nós, numa linha de Pastoral Social, reflectir no que ele disse em determinada ocasião: «Cada comunidade cuide dos seus Pobres».

Impulsionada por esta ideal-força e guiada pelo zelo do seu Pároco, a comunidade paroquial de Reriz, da Diocese de Viseu, vai mesmo arrancar para a acção pois detectou ali casos concretos de verdadeira pobreza! Alertada para os casos, a Cáritas Diocesana deslocou-se a Reriz na tarde do passado dia 8. Fomos lá ver com os nossos próprios olhos. Na verdade, não é possível ficar indiferente à vista de tão grande miséria!

«Meus filhinhos, diz S. João (1.º 3.18), não amemos com

palavras nem com a língua, mas por acções e em verdade». Analisados os casos em reunião de representantes das paróquias de Reriz, Gafanhão, São Martinho das Moitas e Covas do Rio, imediatamente se gerou ali uma onda de solidariedade cristã, para acudir àquelas famílias concretas e tão carenciadas.

Estamos certos de que virão uns com isto, outros com aquilo, desde os materiais de construção, trabalho, etc., até aos agasalhos e outros meios de subsistência, que de tudo precisam aquelas famílias.

Vamos também nós ajudar, e já, cada um à sua maneira. As crianças das escolas, os jovens, os adultos, a Junta de Freguesia, a Câmara Municipal, numa palavra, toda a Comunidade paroquial de Reriz e toda a Igreja de Viseu.

Podemos informar que a Cáritas Diocesana concorrerá com uma verba de cem mil escudos (100.000\$00). Apareceu logo um anónimo com 2.000\$00. Uma empregada doméstica, de Reriz, com 1.000\$00.

Começou assim esta onda de caridade. E vamos continuar, pois Deus o quer e ama aqueles que dão com alegria. Não vamos ficar surdos aos gritos dos nossos irmãos.

(...) «Sem Caridade, a acção da Igreja não é completa».

AQUI LISBOA!

«Agora mesmo ouço, na Rádio, a notícia dura e crua da morte do engenheiro Duarte Pacheco — vita brevis! Ele foi o primeiro Homem de rasgo que eu topei na minha vida dolorosa; deu-me trezentos contos para os alicerces da Obra de Paço de Sousa e, com eles, palavras de encorajamento que valem outro tanto.» (Pai Américo)

Foi em 1943, a 16 de Novembro, que faleceu, após desastre brutal entre Montemor-o-Novo e Vendas Novas, o então Ministro das Obras Públicas. Foi, portanto, há 44 anos. Ao passar o Ano Centenário, é justo lembrar Alguém que soube compreender e ajudar Pai Américo. Por justiça, antes de mais, o fazemos, mas desde que somos Padres, não temos deixado de lembrar no Altar aquele «Homem de rasgo» que foi um dos instrumentos de Deus para tornar a Obra possível na época espinhosa do arranque e da consolidação. Na altura escreveu Pai Américo: «Se algum sacerdote celebrar por sua alma, nenhum, ninguém o fará com mais presen-

ça e com mais fervor do que eu». Assim desejaríamos que acontecesse connosco.

Já agora, e ainda no contexto das celebrações, vale a pena relembrar o despacho saído da «pluma do Leão», em 28/4/1943: «O alto interesse social da Obra e os merecimentos que concorrem no homem que pede, justificam, de sobejo, a ajuda do Estado. Por isso a concedo, dispensando formalidades que embarcaram uma acção inspirada apenas por ideias de bondosa e pura solidariedade humana — Duarte Pacheco». Os homens grandes, quando frente a frente, são capazes de se perscrutar e entender!

Também a 16 de Novembro, mas apenas há cinco anos, faleceu nos Açores o senhor Padre Adriano, o grande cabouqueiro desta Casa do Gaiato e o primeiro colaborador íntimo de Pai Américo. Pelas razões apontadas anteriormente o tivemos, também, bem presente na Celebração desse dia. Mais não fizemos que cumprir um dever. Lembrar e honrar os mortos ainda

é uma maneira de nos dispormos a melhor servir os vivos.

Em breve daremos contas, como é solicitado de vários quadrantes, das nossas actividades. Os leitores, denotando um carinhoso interesse pela vida das Casas, querem saber o que nelas se passa. Nem sempre, porém, é possível satisfazer plenamente essa salutar e empenhada curiosidade.

Continuamos a sentir uma grande falta de Senhoras capazes de se dedicarem a tempo inteiro ao serviço dos Rapazes. Neste momento, até, com as responsáveis da rouparia e da cozinha doentes, o problema é mais complexo e delicado. Vivemos uma época de vazio e de futilidades, pouco propícia ao sacrifício e à doação. Sem mãos dedicadas e disponíveis, porém, aqui ou em qualquer outro lado, não vamos a parte nenhuma. Como pessoas de fé e de esperança não desesperamos, mas o que é verdade temos de gemer e bem. Deus seja louvado!

Padre Luiz



Director: Padre Telmo Chefe de Redacção: Júlio Mendes
Redacção e Administ.: Casa do Gaiato - PAÇO DE SOUSA - 4560 Penafiel - Tel. 952285
Comp. e impressão: Escolas Gráficas da Casa do Gaiato - Paço de Sousa - 4560 Penafiel

Depósito Legal n.º 1239

Tiragem média, por edição, no mês de Novembro: 66.997 exemplares.